



II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

1

A FUNÇÃO DA ESCOLA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS SUJEITOS

Educação, Linguagem e Memória

Bruna Corrêa de Oliveira (brunnynhah_3@hotmail.com)¹
Juliana Pereira Guimarães (juperolanegra1@hotmail.com)²
Patrícia Boff Daitx (patidaitx@hotmail.com)³

Introdução

O presente trabalho pretende refletir sobre alguns aspectos da função da escola. Reflexões como o espaço escolar contribui para a formação dos sujeitos e algumas relações entre a educação e os interesses econômicos da classe vigente.

Sendo a escola um espaço que propõe integração, diversidade cultural, inovação e criticidade, por que no cotidiano encontramos variáveis contradições e mecanismos de controle? É possível compreender se ocorre nas escolas uma política de exclusão? E os profissionais da educação inseridos e agentes dessas contradições como poderão contribuir para os alunos a criticidade de sua realidade?

Com as leituras de Freire (1967) e Foucault (1999), relacionando-as com a realidade escolar, procuramos compreender como as relações sociais, os interesses do mercado e a reprodução de discursos distorcidos influenciam no ensino aprendido dos alunos da prática dos professores.

¹ Graduada em História, Bacharel e Licenciatura, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, atualmente mestranda em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense.

² Graduada em Artes Visuais, Licenciatura pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, atualmente mestranda em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense

³ Graduada em Letras pela Universidade Luterana do Brasil, atualmente mestranda em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense.



Propex
Pró-Reitoria de
Pós-Graduação,
Pesquisa e Extensão

Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação





II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

2

Algumas reflexões sobre a formação da escola no processo de formação dos sujeitos

Um das principais críticas sobre a segmentação e a fragmentação dos saberes está relacionado à forma como a escola foi se estruturando de acordo com as necessidades do sistema capitalista.

E a escola foi estruturada nessa visão, uma espécie de fábrica em que o conteúdo é chamado de disciplinas cada qual em sua gavetinha, tem tempo determinado por um sinal, a prova como departamento para comprovar a qualidade, ou seja, além de parecer uma fábrica representa características de uma prisão. Há dois tipos de sujeitos que se formam na escola, o dócil disciplinado, obediente que não contesta e o que terá mais oportunidade de ser aceito pelo sistema e empregado pelo mesmo, pois esse sujeito é aceito pela fábrica; ou o outro que não se enquadra no sistema, o rebelde, indisciplinado, que se não for “salvo” pela escola, ou não será aceito na fábrica ou será “corrigido” na prisão, a fábrica e o presídio são a continuação das instituições escolares (FOUCAULT, 1967).

Com a industrialização ampliou as oportunidades de pessoas de níveis de classes sociais diferentes estarem nas escolas. As pessoas precisavam saber ler e escrever para pensar para a indústria, ou seja, a escola tornou-se esse espaço para a preparação de futuros operários que precisam aprender e se familiarizar com essa estrutura na escola para conseguir seu espaço nas fábricas.

Como pensar no todo em uma escola fragmentada? A Ditadura Militar, no Brasil, foi um marco histórico, um momento em que os professores e alunos foram “silenciados” por receio de represálias diante da liberdade de expressão, fortalecendo a passividade, a disciplina, a falta de questionamentos e críticas, em relação ao aprendizado a repetição e a memorização de conteúdos fizeram com que a escola perdesse a noção de conjunto, de



Propex
Pró-Reitoria de
Pós-Graduação,
Pesquisa e Extensão

Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação





II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

3

unidade, de participação e reconhecimento, o ensino estava direcionado para a mentalidade tecnocrata.

Dentro desse contexto o que se tem discutido constantemente é o papel da escola como emancipadora. Porém, diante de todo esse processo de contradições como pensar a escola como emancipadora se a ideia de educação está polarizada a ponto de sentirmos dificuldades em pensar como o aprendizado está ocorrendo sem alienações se os próprios profissionais da educação estão inseridos em um contexto social que a criticidade sobre a sociedade em que vivem pouco acontecem, naturalizam as ideias impostas com o discurso da educação igualitária, sob a aparência da crença que a ciência tudo pode e resolve, cria-se a ideia e a sensação de verdade absoluta, e nesse sentido o conformismo é necessário e assim a sociedade permanecerá sob o modelo vigente.

As influências das relações sociais e dos dispositivos de controle na escolarização

Para Foucault, na obra *Vigiar e Punir* (1999), o poder é uma categoria chave para compreender como a disciplina se organiza nos espaços públicos. Ele intitula as escolas como Instituições de Sequestro que por meio do poder enquadram os sujeitos em normas e valores dentro dos padrões da sociedade vigente, com a disciplina, tornam-se sujeitos dóceis, obedientes, passivos, sem criticidade sobre sua realidade, ou seja, a escola nesse contexto deveria estar “produzindo” um tipo específico de sujeito, pensar para a transformação social não caberia à escola. Porém, se a escola é para pensar, refletir, proporcionar criticidade o que pode prejudicar a efetiva emancipação dos sujeitos nela inserido? Para Foucault, o homem moderno foi moldado ou padronizado. O sistema está naturalizado no indivíduo pela disciplina. O problema é quando não ocorre o estranhamento nessa relação de poder. Por mais que estar inserido em uma sociedade nós



Propex
Pró-Reitoria de
Pós-Graduação,
Pesquisa e Extensão

Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação





II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

4

nos submetemos às relações, a problematização dessas relações precisa acontecer, é preocupante, quando os sujeitos naturalizam e não questionam as relações de poderes.

As condições econômicas que são também uma forma de relação de poder, conforme Freire (1967), podem influenciar nossos comportamentos individuais e sociais, mas perceber-se nesse sistema nos torna ativos. A educação ingênua é um dos maiores problemas da educação. Isso ocorre devido a criatividade que os poderes vigentes têm em manipular e utilizam diversos dispositivos para controlar esses sujeitos e torná-los passivos.

A classe dominante sabe do poder e do perigo da educação e esse é o motivo que procuram dominá-la de todas as formas. Paulo Freire em “Educação versus massificação” (1967) chama a elite de irracionalistas e que procuram silenciar as massas populares por perceber-se como peças fundamentais para a continuação do sistema vigente de exploração e alienação, iriam desestruturá-los. Contudo, a educação deveria direcionar a formação do sujeito para sua autonomia na participação no meio social. O homem massificado e desenraizado (FREIRE, 1967, p. 91) não assumi uma postura conscientemente crítica diante de sua realidade, identifica-se em formas míticas de explicações de outrem, acredita no que os meios de comunicação dizem como verdade e essa posição ingênua, que para ele nos deixa na superficialidade de tudo que tratamos, em posições poucas indagadoras, inquietas e criativas.

Esses mecanismos disciplinadores tanto do corpo quanto da intelectualidade nas escolas como formas de “preparação” para o mercado de trabalho, o saber, conseqüentemente, torna-se resultados imediatistas – para o vestibular ou para a fábrica– o conhecimento fica secundário.



Propex
Pró-Reitoria de
Pós-Graduação,
Pesquisa e Extensão

Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação





II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

5

Considerações finais

A escola em suas contradições e conflitos influenciam na realidade social, porém as relações sociais também influenciam as escolas. Refletir sobre esses aspectos não é desconsiderar a função da escola ou discursar “fracassos” e “incompetências” escolares, mas perceber os diversos interesses inseridos no processo de escolarização e formação dos sujeitos.

A escola pode tanto incluir quanto excluir por meio de seus discursos. A polarização dos sentidos prejudica sobre como pensar em mudanças nas instituições escolares. Porém, a partir do momento em que reconhecemos que estamos inseridos nesse sistema de alienação, de reprodução dos discursos capitalistas, questionamos sobre possíveis naturalizações que fizemos sob esse discurso e podemos pensar como essa realidade pode ser transformada, gradualmente, pelas mudanças de atitudes.

O conhecimento não poderia ficar secundário à tentativa de escolarizar o aluno para o mercado de trabalho. Educação não pode ser considerada mercadoria, em que o aluno nesse contexto é coisificado, torna-se objeto, estatística. Esses espaços de poder que utilizam mecanismos para a disciplinarização distorce o caráter libertário que a escola tem. Por esse motivo, é preciso, enquanto prática, refletir constantemente sobre essas questões de conformismos e silêncios nos ambientes escolares. Por meio da criticidade na educação e sua conexão nas práticas educacionais e culturais é de grande importância questionar, perceber a realidade e quais as ideologias explícitas ou “maquiadas” que norteiam o ambiente educacional.



Propex
Pró-Reitoria de
Pós-Graduação,
Pesquisa e Extensão

Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação





II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

6

Referências

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: _____. **Vigiar e punir**. O nascimento das prisões. 20. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999. P. 162 – 194.

FREIRE, Paulo. Educação versus massificação. In: _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. P. 85 – 100.

ROSSI, Wagner. **Capitalismo e educação**: contribuição ao estudo crítico da economia da educação capitalista. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1980



Propex
Pró-Reitoria de
Pós-Graduação,
Pesquisa e Extensão

Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação

